

Psicologia e espiritualidade na produção científica brasileira: uma revisão de literatura

Psychology and Spirituality in Brazilian Scientific Production: A Literature Review

*Lauren Manuela de Paula Silva¹
Tommy Akira Goto²*

RESUMO

Efetuamos uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de compreender o panorama geral das pesquisas brasileiras sobre a temática “Psicologia e Espiritualidade”, destacando: o conceito de espiritualidade e suas principais associações; os principais marcos teóricos; e as metodologias e instrumentos que embasaram as pesquisas. Constatamos que o estudo psicológico sobre a espiritualidade, aparece diretamente associado à religião e à religiosidade e se desenvolveu como um ramo da Psicologia da Religião; que as pesquisas em geral reproduzem um modelo embasado na ciência clássica e; que os conceitos de espírito e espiritualidade carecem de maiores esclarecimentos. Apontamos ainda, a crítica da Fenomenologia à ciência e à Psicologia científica, como uma provocação para novas pesquisas.

Palavras-chave: Psicologia; Espiritualidade; Revisão de literatura.

ABSTRACT

We carried out a systematic literature review, with the objective of understanding the general panorama of Brazilian research on the theme "Psychology and Spirituality", highlighting: the concept of spirituality and its main associations; the main theoretical frameworks; and the methodologies and instruments that supported the research. We found that the psychological study on spirituality appears directly associated with religion and religiosity and has developed as a branch of Psychology of Religion; that research in general reproduces a model based on classical science and; that the concepts of spirit and spirituality need further clarification. We also point out the critique of phenomenology to science and scientific psychology, as a provocation for new research.

Keyword: Psychology; Spirituality; Literature review.

¹ Psicóloga. Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia. Contato: laurenmanuela@hotmail.com.

² Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência. Professor Adjunto III da Pós-Graduação em Filosofia e da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: tommy@ufu.br. Submetido em: 07/08/2020; Aceito em: 30/12/2020.

Introdução

A espiritualidade é um problema da Psicologia? Quando optamos por essa questão que mobiliza a investigação, temos a intenção de lançar uma provocação do sentido duplo da expressão “problema”: uma que diz respeito a um assunto controverso que trata das discussões acadêmicas e pesquisas científicas e o outra, que trata da questão social, cultural, que também traz questões complexas de difícil solução. Assim é possível a “espiritualidade” ser um objeto de pesquisa e estudo da Psicologia ou ainda configura uma questão de difícil posição e assimilação para a ciência psicológica?

De acordo com a Associação Mundial de Psiquiatria (WPA), nas últimas décadas, tem crescido a conscientização da academia e da população geral sobre a relevância da religião e da espiritualidade, principalmente nas questões de saúde. Artigos de revisão sistemática de literatura científica identificaram mais de 3.000 estudos empíricos investigando as relações entre religião/espiritualidade (R/E) e saúde [Associação Brasileira de Psiquiatria [ABP], n.d.]. A maioria desses estudos demonstra que religião e espiritualidade estão geralmente associadas a melhores desfechos de saúde, embora, em alguns casos, elas podem também causar danos. As pesquisas também mostraram que valores, crenças e práticas relacionadas a religião e espiritualidade são “relevantes para a maior parte da população mundial e que pacientes gostariam de ter suas questões de R/E abordadas nos cuidados em saúde” [ABP, n.d.].

Assim, em reconhecimento a importância de tal temática a Associação Mundial de Psiquiatria passou a incluir a “religião e espiritualidade” como parte do *currículo* básico de treinamento em Psiquiatria e ainda se posicionou com uma série de proposições de incentivo a pesquisa e uma atenção mais acurada e cuidadosa com os pacientes e as relativas manifestações de religiosidade e espiritualidade [ABP, n.d.]. Ações como essas demonstram que o interesse pela espiritualidade pela comunidade científica tem gerado um alto número de pesquisas empíricas que, em sua maioria, revelaram a influência positiva, resiliente desse fenômeno sobre a saúde. No entanto, no relatório fornecido pela Associação Brasileira de Psiquiatria (n.d.), identifica que o conceito de espiritualidade aparece diretamente associado ao de religião e/ou religiosidade naquelas pesquisas e, os limites entre as vivências de espiritualidade e religiosidade não estão evidenciados de forma clara e satisfatória.

Dessa maneira, tendo em vista a relevância das pesquisas sobre o tema da espiritualidade relacionado à saúde mental no cenário mundial, efetuamos uma revisão sistemática de literatura, em âmbito nacional, com o objetivo de compreender o panorama geral das pesquisas brasileiras sobre a temática “Psicologia e Espiritualidade”. Para isso, investigamos nos artigos pesquisados, por ordem de relevância, (a) as principais associações temáticas ao fenômeno da espiritualidade, a definição dos conceitos de espiritualidade, religião e religiosidade, por eles apresentados; e (b) os principais marcos teóricos de que partem as pesquisas e as metodologias e instrumentos em que se embasam. No quesito “marco teórico”, observamos, em especial, a prevalência de pesquisas de fundamento fenomenológico, por ser este o método qualitativo e a filosofia que consideramos nesse artigo como mais amplo e adequado para o tratamento científico do fenômeno da espiritualidade.

Consideramos justificável a necessidade de uma revisão de literatura sobre escritos brasileiros em Psicologia e Espiritualidade, dada a sua (a) relevância social na saúde mental e nas vivências como um todo e; (b) sua relevância acadêmica, tendo em vista, principalmente o esclarecimento do cenário geral das pesquisas nacionais em psicologia e espiritualidade, seus limites e contribuições.

Método

A revisão sistemática de literatura, conforme Koller, Couto e Hohendorff (2014), nos possibilita uma avaliação crítica do material já publicado, de modo que organizamos, integramos e avaliamos os estudos, conforme os objetivos da pesquisa. Assim, nesse levantamento, foram revisados estudos brasileiros, escritos em português com os descritores “Psicologia [AND] Espiritualidade”. Evitamos a seleção por recorte temporal e elegemos bases de dados que fornecessem a indexação³ dos artigos por ordem de relevância para que observássemos o fator qualitativo dessas pesquisas.

No contexto dos países emergentes como o Brasil, destacam-se como base de dados que indexam citações, a Google Acadêmico (GA), *Scopus*, e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Elegemos assim a plataforma SciELO para a recuperação dos dados, em particular, por esta ter sido desenvolvida especificamente como uma resposta “às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento” (SciELO, 2007) especialmente na América Latina e Caribe, onde modelo proporciona “uma solução ‘eficiente’ para assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica, contribuindo para a ‘superação’ do fenômeno conhecido como ‘ciência perdida’” (SciELO, 2007). O Modelo SciELO, contempla ainda “procedimentos integrados para medir o uso e o impacto dos periódicos científicos” (SciELO, 2007).

Para a análise dos artigos, cumpriram-se em síntese e de acordo com Lima & Miotto (2007), as seguintes etapas sistemáticas de leitura: (1) leitura de reconhecimento do material bibliográfico, segundo a escolha da base de dados; (2) leitura exploratória e seletiva, ou seja, a leitura dos resumos e conteúdo, visando à seleção dos artigos que correspondem aos objetivos do estudo; (3) leitura reflexiva ou crítica: compreensão, estabelecimento de ordem e sumarização das ideias, conforme os objetivos da pesquisa; e por fim, a (4) leitura interpretativa para a análise crítica dos dados obtidos.

No levantamento efetuado, obtivemos a princípio o número de 64 artigos conforme nossos descritores, reduzidos, em seguida, a 38 artigos de pesquisa de acordo com os critérios de “estudos brasileiros escritos em língua portuguesa”. A partir da leitura exploratória, leitura rápida e manuseio dos artigos, para comprovar de fato a existência das informações que respondem aos objetivos propostos (Lima & Miotto, 2007) e obedecendo a ordem decrescente de relevância da literatura, destacamos: (a) o conceito de espiritualidade e suas principais associações; (b) os principais marcos teóricos; e (c) as metodologias e instrumentos que embasaram as pesquisas.

Em seguida, além do fator quantitativo, também reduzimos as descrições do conceito de espiritualidade, religião e religiosidade a unidades de sentido e, consecutivamente, fizemos a análise interpretativa dos dados encontrados. Sendo assim, desenvolvemos ao longo deste estudo, a apresentação dos resultados obtidos na análise, por meio da produção de texto dissertativo, dividido em duas sessões, intituladas: “Espiritualidade, religião e religiosidade: os conceitos e suas correlações”; e “A pesquisa em Psicologia e Espiritualidade no Brasil: fundamentos teóricos e metodológicos”, como se segue.

³ No cenário mundial, o principal índice de avaliação de impacto e visibilidade das pesquisas científicas é o FI (Fator de Impacto). Trata-se de um indicador bibliométrico publicado anualmente no *Journal Citation Reports* (JCR) pelo *ISI-Thomson Scientific* (ISI), calculado com base em citações (Mugnaini, 2008). No entanto, um dos problemas desse índice é a predominância das publicações oriundas de países do “Primeiro Mundo” em detrimento dos países em desenvolvimento, gerando o efeito “ciência perdida”. Para diminuir a desigualdade no *status* da ciência e gerar informação no ramo de produção acadêmica, outras bases de dados têm sido criadas, como no caso da SciELO.

Espiritualidade, religião e religiosidade: análise dos conceitos e suas correlações.

O Brasil é um país religioso, marcado também por vários sincretismos. Nesse sentido, ao elencar o tema da espiritualidade relacionado à psicologia, nos chamou a atenção, principalmente, a prevalente correlação entre espiritualidade e religião e / ou religiosidade, o que aparece na grande maioria dos trabalhos recuperados, ou seja, em 34 artigos ou 89,47%, conforme a “Tabela 01”. No entanto, embora em alguns casos haja uma diferenciação entre tais conceitos na construção teórica, é unânime que essa distinção não se apresenta explícita de forma histórico-epistemológica, ou mesmo semântica na análise de dados apresentados.

Tabela 01 – Principais correlações entre as pesquisas sobre psicologia e espiritualidade resgatadas na plataforma SciELO em 2018.

Principais Correlações	Qtd.	%
Religião e / ou Religiosidade	34	89,47
Saúde / Saúde mental, qualidade de vida, bem-estar e / ou enfrentamento.	29	76,31
Formação Acadêmica	03	7,89
Práticas Psicoterápicas	02	5,36
Outros	04	10,72

Fonte: SciELO.

A análise de conteúdo revela uma conceituação ampla e multiforme para “espiritualidade”, associada a conceitos mais gerais ou mais específicos que categorizamos em unidades de sentido. Nesse sentido, “espiritualidade” aparece ligada a ideias como: relação do “Eu” com o universo, com o cosmos, consigo mesmo e com os outros; atitude interna, força interior, práticas intrínsecas e individuais; reflexão, tomada de consciência ou razão; crescimento humano, transformação individual e amadurecimento; energia; abertura e dinamismo; fé, crenças e pensamento positivo; integração, mística e unidade; valores morais como esperança, respeito, confiança, amor, compaixão, tolerância, paciência, perdão, responsabilidade e harmonia; e também, algo imaterial e que transpõe o estado emocional e biológico – algo essencial que controla mente e corpo. Prevalece, porém, um padrão conceitual que associa a espiritualidade à busca de sentido, significado e / ou propósito de vida; relação com o transcendente ou transcendência; relação com o sagrado; e com a ideia de divino ou força superior.

Em contrapartida, a “religiosidade” é definida como crença ou prática compartilhada em uma comunidade determinada por uma dimensão organizacional – igreja, instituição religiosa ou sistema organizado de ritos, símbolos, tradição e dogmas. Mantém-se também a relação com o sentido existencial, o divino e / ou sagrado. E, o termo “religião”, por sua vez, é apresentado mais claramente como aquele sistema organizador das crenças, práticas, rituais e símbolos que mediam a relação do indivíduo com o transcendente, divino ou poder superior. Ainda, que comunga com valores morais, com a ideia de fé e que surge como uma resposta a questão existencial sobre o sentido da vida.

Notamos, portanto, que os conceitos, embora estabeleçam diferenças entre si nos artigos recolhidos, ao mesmo tempo apresentam uma íntima relação conceitual, principalmente no que tange à busca pelo sentido; a relação com o sagrado e com o transcendente, a relação com o divino e / ou poder superior. Neste sentido, embora a espiritualidade seja apontada como uma vivência diferente das crenças e dogmas religiosos, o que se define como espiritualidade em alguns estudos, resvala por fim na definição dos conceitos religião e religiosidade em outros estudos, o que gera não só uma falta de consenso, quanto uma confusão conceitual quando analisados na sua totalidade. Além do mais, como foi dito acima, ainda nos casos em que houve uma diferenciação conceitual, os dados amostrais são imprecisos quanto a esta distinção, por

exemplo, quando se associa espiritualidade à “saúde, saúde mental, enfrentamento, bem-estar e / ou qualidade de vida”. Neste caso, os instrumentos e métodos utilizados nas pesquisas, tratam-se de questionários compostos de perguntas relacionadas à espiritualidade e também à religiosidade, sem apontar uma discriminação direta para este e aquele tipo de questão nos resultados.

De modo geral, ainda foi possível identificar unidades de sentido ainda mais reduzidas através das descrições da literatura supracitada. Sendo assim, a “espiritualidade” aparece vinculada a uma dimensão “ontológica” e existencial, enquanto busca de sentido, mas que pode ganhar contornos “ônticos”, conforme as suas vivências no interior das relações e da cultura, ou seja, possuidora uma dimensão vertical (individual e intrínseca) e outra horizontal (coletiva e social). Uma das possibilidades que traduz a resposta à pergunta mobilizadora sobre o sentido existencial, compartilhada social e culturalmente, é a religiosidade. Mas, essa variação não é necessária a condição da espiritualidade, porque a espiritualidade é um fenômeno independente da religião e da religiosidade, embora possa se manifestar com ritos, símbolos e comportamentos que configuram a linguagem e a cultura religiosa. Entender esta diferença do fenômeno da espiritualidade é crucial para o desenvolvimento do raciocínio sobre nosso objeto de pesquisa e a forma como esta será conduzida.

Em outra direção, Freitas (2017) busca simplificar a questão conceitual resolvendo os impasses procedendo da seguinte maneira: a “espiritualidade” corresponde à demanda do sentido de vida, enquanto a “religiosidade” corresponde “ao modo de elaboração subjetiva e intersubjetiva na busca de respostas para as demandas de sentido, ancorando-se em crenças religiosas (Deus, Divino, Sagrado ou Transcendente)” (Freitas, 2017, p. 71). A religião para a autora, diz respeito ao sistema ou doutrina de respostas. Ainda, o ideal seria adotar um modelo orgânico que permita um espaço tanto para as conexões entre espiritualidade e religião, quanto para suas diferenciações e especificidades (Freitas, 2017).

Poderíamos então associar essa confluência conceitual à própria história da Psicologia na sua tentativa de investigação do fenômeno da espiritualidade e o que ocorreu, ao que nos parece, no seio da Psicologia da Religião. De acordo com Paiva (2008) a “psicologia da espiritualidade”, embora não tivesse esse nome a princípio, deu vistas do seu surgimento na Escola de Nijmegen, na Holanda no século XX. Em artigo publicado sobre as psicologias da religião na Europa, Paiva (1990) relata ainda que aquela escola, tinha como objeto da Psicologia da religião “aquela parte do comportamento humano que diz respeito a busca de sentido último, seja ele religioso ou secular” (van der Lans, 1986, p. 79, citado por Paiva, 1990, p. 92; Paiva, 2008, p. 32).

No Brasil o desenvolvimento desses estudos na Psicologia se apresenta de modo semelhante ao europeu e, depois ao estadunidense, sendo que o estudo acadêmico da “psicologia da espiritualidade” acaba se desenvolvendo nas vias da Psicologia da Religião, mais especificamente a partir década de 1960. Assim, como destaca Paiva (2017), há registros de publicações relacionando a espiritualidade à psicologia religiosa (até então assim denominada) na Revista de Psicologia Normal e Patológica em 1962, atribuídas à “Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa” estabelecida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Paiva et al. (2009), também apontam um aumento das publicações nas décadas seguintes, exceto nos anos 70, correlacionadas à estruturação acadêmica da disciplina Psicologia e Religião que se tornou objeto de ensino, no nível de graduação e pós-graduação em algumas universidades do país.

Dessas publicações, por sua vez, destacam-se os trabalhos apresentados pelo Grupo de Trabalho (GT) Psicologia & Religião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Além de estar presente em importantes eventos científicos da psicologia no Brasil e no exterior, o grupo realiza bianualmente, desde 1997, os seminários “Psicologia & Senso Religioso”. Os trabalhos apresentados nestes seminários, foram organizados e publicados em 10 livros, dos quais chamamos atenção para a obra “Psicologia e Espiritualidade”, organizada por Mauro Amatuzy e publicada em 2005.

Dez anos depois, em 2015, um livro homônimo organizado por Maria Lúcia de Moraes e Leonardo Silva foi publicado também sob a reunião de trabalhos apresentados, dessa vez, em um ciclo de palestras, organizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) entre 2010 e 2012. A preocupação com o tema da espiritualidade na psicologia brasileira aparece também dentro da perspectiva da psicoterapia como no livro “Espiritualidade e Práticas Clínicas” de Valdemar Augusto Agerami-Camom, publicado em 2014.

A ocorrência da associação conceitual entre espiritualidade e religiosidade/religião também aparece no órgão regulamentador “Conselho Federal de Psicologia” (CFP). Além das notas públicas que orientam o manejo profissional do psicólogo em relação às questões relativas à espiritualidade, religião e religiosidade, o CFP publicou também quatro obras que abordam os temas. Tratam-se dos livros: “Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e os Saberes Tradicionais: referências básicas para a atuação profissional”, de 2014 e; a “Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade”, dividida em 03 volumes, intitulados: “Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas”; “Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais: práticas e técnicas”; e, “Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas”, todos estes, publicados em 2016.

Ainda, sob a temática foram criadas comissões específicas de “Psicologia, Espiritualidade e Religião” em alguns Conselhos Regionais de Psicologia (CRP). No ano de 2017 foi criada a Comissão de Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais (CLEROT), na sede do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-MG), coordenada pelo professor doutor Reinaldo da Silva Júnior. Nesse mesmo ano, a autora desse artigo teve a oportunidade de coordenar um GT homônimo na Subsede Centro-oeste do CRP-MG, e mais recentemente, em 2019, foi publicada pelo CRP-MG, junto à CLEROT, a cartilha “Psicologia, laicidade, espiritualidade e outras tradições: encontrando caminhos para o diálogo”.

Parece-se nos também previsível que os rumos da Psicologia científica, traduzida como “estudo do comportamento” por sua tradição, levariam o fenômeno da espiritualidade ser entendido por meio do observável e passível de mensuração, o que acabou acontecendo através da sua expressão no “comportamento religioso” e que, por sua vez, de acordo com Paiva (1990; 2017) e Paiva et al. (2009) representa o objeto da Psicologia da Religião. No entanto, afirmar que essa noção de espiritualidade se tornou unívoca nas ideias psicológicas, principalmente na área da Psicologia da Religião, seria uma conclusão simplista e precipitada, uma vez que a própria história do pensamento psicológico não definiu conclusivamente seu objeto de pesquisa. Assim, quando a espiritualidade perpassa pela pergunta sobre sentido da vida, ela (co)responde à pergunta que lhe mobiliza e lhe dá origem, ou seja, fornece sentido às questões existenciais e não apenas está explícita em certos comportamentos.

Bem, isso aconteceu em diversos pensamentos, mesmo antes da Psicologia científica, que se desenvolveram no interior da cultura, como por exemplo, nos mitos que nos forneceram uma noção tanto de espírito, quanto de alma, ou *psique* – suposto objeto da Psicologia entendida, a princípio, por meio da etimologia da palavra (Vernant, 1998). Em outras palavras tanto a noção de alma (*psique*) quanto espírito (*pneuma*), têm suas raízes nas compreensões míticas que por sua vez, configuram as matrizes do pensamento religioso. Essas noções (alma / *psique*; espírito / *pneuma*), por sua vez, continuam embasando uma visão de ser humano passível de investigação científica e, entender todo esse desenvolvimento nos ajuda a responder, certa forma, a nossa pergunta inicial tanto como “problema de pesquisa”, quanto como um “problema” no sentido de “transtorno de difícil solução” para a ciência, tal como é compreendida em moldes tradicionais. Nesse quesito, principalmente sob esta perspectiva de busca dos modelos de ciência que embasam as pesquisas nacionais sobre psicologia e espiritualidade, que analisamos no próximo item, os critérios ou as bases teóricas e metodológicas que os pesquisadores brasileiros adotaram para seus estudos.

É principalmente sob esta perspectiva de busca dos modelos de ciência que embasam as pesquisas nacionais sobre psicologia e espiritualidade, que analisamos os próximos critérios, ou seja – as bases teóricas e metodológicas que os pesquisadores brasileiros adotaram para seus estudos.

A pesquisa em psicologia e espiritualidade no Brasil: fundamentos teóricos e metodológicos.

Ao reiterar a análise dados demonstrados na “Tabela 01”, observamos como crivo de relevância, o fato de que existe nas pesquisas em Psicologia e Espiritualidade na produção brasileira, uma forte associação a temas como saúde, saúde-mental, qualidade de vida, entretimento e /ou bem-estar. Agora em relação ao marco teórico é importante ressaltar que nesse quesito, procuramos para fins didáticos, elencar as principais escolas ou áreas da Psicologia que embasavam as pesquisas selecionadas, de acordo com a referência citada pelos próprios autores. Entretanto, o que se mostra na prática é que as pesquisas comungam de uma miscelânea de teorias e conceitos vindos de conhecimentos diversos psicológicos, de práticas psicoterápicas e teorias para além das “psicologias”, tais como: ciências sociais, biológicas e outros, como por exemplo, a prática de filosofias orientais. Ainda, a maioria dos artigos, ou seja, 15 artigos (39,47% das pesquisas) não afirmam a utilização de um método ou uma teoria específica para a compreensão do fenômeno da espiritualidade, citando uma miscelânea de autores conforme os resultados encontrados.

Tabela 02 – Principais marcos teóricos apontados nas pesquisas sobre psicologia e espiritualidade resgatadas na plataforma SciELO em 2018.

Marco teórico	Qtd.	%
Inclui psicologia hospitalar e da saúde	09	23,68
Psicologia positiva	04	10,72
Fenomenologia	03	7,89
Psicologia social	01	2,63
Logoterapia	01	2,63
Psicologia transpessoal	01	2,63
Pensamento sistêmico	01	2,63
Psicanálise	01	2,63
Historiografia das ideias psicológicas	01	2,63
Psicologia organizacional e do trabalho	01	2,63
Outros e / ou não citados	15	39,47

Fonte: SciELO.

Além dos artigos com maior prevalência de referencial teórico ligados à Psicologia Hospitalar e da Saúde (09 artigos, ou 23,68%) e; Psicologia Positiva (04 artigos, ou 10,72%); também encontramos 03 artigos (7,89%) que relataram ter a “Fenomenologia” como marco teórico / metodológico, no entanto, não são explicitadas de forma satisfatória. Entre estes artigos destacamos 01 (um) que consta uma brevíssima descrição antropológica merleau-pontyana que considera a questão do espírito como fator constitutivo humano. Semelhantemente, essa ideia aparece em outro artigo, citando a abordagem logoterapêutica, cujo o espírito também constitui o modelo de ser humano, conforme na logoteoria frankliana. Ambas as pesquisas parecem fornecer uma noção de espírito como condição da espiritualidade, no entanto não se propõe como objetivo específico dessas pesquisas, a explicitação de uma antropologia que considere o espírito ou uma ontologia do espírito humano. Por fim, identificamos ainda o impressionante número de 17 artigos (44,73%) que nem sequer oferece uma definição conceitual para o fenômeno da espiritualidade.

Não obstante, quanto aos métodos e instrumentos (“Tabela 03”), a maioria das pesquisas (50%) parece buscar um modelo explicativo e causal entre espiritualidade e os fenômenos supracitados (saúde, saúde-mental, qualidade de vida, enfrentamento e / ou bem-estar – “tabela 01”), evidenciando a influência positiva e resiliente da espiritualidade sobre esses fenômenos. Cabe salientar que principalmente nesses artigos não ficam claros e explícitos a separação conceitual entre o fenômeno espiritual e religioso nessas análises. Ainda, um total de 17 artigos (44,73%) faz uso direto da psicometria com análises quantitativas através de testes, escalas e / ou questionários.

Tabela 03 – Principais métodos e instrumentos utilizados nas pesquisas sobre espiritualidade resgatadas na plataforma Scielo em 2018.

Método / Instrumento	Qtd.	%
Psicometria	19	50
Entrevista	09	23,68
Pesquisa teórica	04	10,72
Revisão de literatura	02	5,36
Outros	04	10,72

Fonte: Scielo.

Esse modelo pragmático de “eficácia da espiritualidade” com comprovações numéricas para comportamentos mais adaptativos, principalmente ligados à saúde, saúde mental, bem-estar, enfrentamento e / ou qualidade de vida, nos parece ser relevante, porque tem possibilitado a conscientização da importância da manutenção e continuidade de pesquisas sobre o fenômeno da espiritualidade e seu fator de impacto sobre a experiência humana. Entretanto, trata objetiva e naturalmente da “espiritualidade” como um comportamento, objeto da Psicologia científica, que deixa de lado outros significados dessa experiência, como a questão da experiência original que delimita a espiritualidade com um modo de ser do espírito, constitutivo da antropologia humana. Em outras palavras, sem querer inculcar em um mecanicismo, repercute no resultado da ação de uma potente “mola propulsora”, sem, no entanto, descrever a natureza fenomênica dessa mola. Trata-se de uma “ciência sem essência” que não oferece um modelo suficiente de ser humano que resolva satisfatoriamente a existência do espírito humano como condição da espiritualidade, levando a formação de tantas outras teorias psicológicas que buscam esgotar os sentidos desse fenômeno.

Embora não obtivemos características expressivas que justificassem a ordem de relevância dos trabalhos publicados na plataforma SciELO, resgatados para esta análise, notamos, em geral, que a publicação considerada “científica” tem a tendência a um modelo hegemônico, causalista e explicativo, ou seja, da ciência positivista. Na Psicologia, em particular, isso se deve, em grande parte, aos conflitos paradigmáticos que ela sofreu para se afirmar como ciência autônoma, tendo que se desvencilhar tanto da filosofia quanto da medicina. No entanto, percebemos ainda inclinação a esse tipo de pesquisa científica psicológica, ou seja, ao modelo científico natural, cujo afastamento se deu de suas origens teóricas e metodológicas do status de ciências humanas (originalmente cunhada por ciências do espírito – *Geisteswissenschaften*). Consideramos, no entanto, que essa cisão não se trata apenas de uma linha divisória entre as “psicologias filosóficas” ou as “psicologias médicas / científico naturais”, antes, trata-se de uma ruptura dualista histórica no seio do próprio pensamento ocidental que ainda mantém separado o espírito e a matéria (Gabriel, 2018).

A partir de uma compreensão histórico-etimológica, temos o termo “psique” desde o início da Filosofia, associada à noção de alma e espírito, presente nas discussões da Psicologia e como um objeto de suas análises (Vernant, 1998). Quando explicada a partir do paradigma científico, naturalista, positivista, o termo reaparece concebido por uma noção psicofisiológica.

Ainda, associado a outros animais inferiores do ponto de vista evolutivo, que também são dotados de um nível de psiquismo fisiológico como memória e percepção (psicologia animal e psicologia humana).

Assim, uma Psicologia que se reduziu a “alma” e o “espírito” aos aspectos psicofísicos humanos, não nos parece apresentar grandes vantagens, enquanto Psicologia humana, pois fica, igualmente, limitada às ciências biológicas, ou mesmo da zoologia. É preciso, portanto, compreender não só o ponto de distinção e autonomia da Psicologia das demais ciências, mas sobretudo, o que distingue a Pessoa humana dos outros seres.

A respeito disso, em um tratado sobre a atitude científico-natural e a atitude científico-espiritual, o matemático e filósofo Edmund Husserl (1849-1938), fundador da Fenomenologia, afirma que “a ciência do espírito tem que ver com o espírito, e aí se distingue, em primeiro lugar, a ciência da natureza em sentido estrito e a ciência do espírito: de um lado está a ciência de coisas psíquicas e, do outro a ciências dos homens como pessoas [...]” (Husserl, 1954/2012, p. 304). Essa distinção deve estar desde o início de qualquer forma de conhecimento teórico, pois já a distinção semântica nos indica que o ser humano pode ir além de sua determinação estritamente natural, sendo possuidor ainda da dimensão do espírito. Assim, o “espírito” descrito na Fenomenologia, por sua vez, corresponde àquilo que torna pessoas humanas, ou nas palavras de sua discípula Edith Stein (1891-1942): “o especificamente humano” (Stein, 1933/2003a). Nesse sentido, parece-nos importante ampliar, portanto, os aspectos psíquicos para a dimensão espiritual, pensando na possibilidade de uma “Psicologia do espírito”.

Entendemos que a Fenomenologia é uma filosofia cientificamente rigorosa que orienta uma base teórico-antropológica e oferece uma análise sistemática e um método de rigor capaz de fornecer uma compreensão profunda e adequada dos fenômenos, incluindo aqui o nosso problema de pesquisa. Considerando as críticas de E. Husserl e E. Stein, tanto às ciências da natureza, quanto às ciências do espírito e a Psicologia, apontamos para a necessidade de uma investigação mais detalhada acerca da contribuição desses autores, no que diz respeito às bases teóricas e metodológicas. Para assim, na continuidade, ser possível o desenvolvimento de uma “psicologia do espírito”, a partir de antropologia especificamente humana, que sustente de forma sólida, as pesquisas em Psicologia e Espiritualidade.

Considerações finais

Sob a pergunta orientadora sobre a espiritualidade como possível objeto de investigação da Psicologia, revisamos a literatura de estudos brasileiros com o tema “Psicologia e Espiritualidade”. Através dessa revisão sistemática, destacamos o tratamento do fenômeno da espiritualidade nas pesquisas em Psicologia no Brasil, observando: as principais associações ao tema; os conceitos de espiritualidade, religião e religiosidade; e a fundamentação teórica e metodológica em que se baseiam.

Constatamos então que o estudo psicológico sobre a espiritualidade, aparece diretamente associado à religião e à religiosidade e se desenvolveu como um ramo da Psicologia da Religião; que as pesquisas em geral reproduzem um modelo embasado na ciência clássica e; que os conceitos de espírito e espiritualidade carecem de maiores esclarecimentos. Na sequência, apontamos de maneira inicial e brevemente, a crítica da Fenomenologia à ciência, a Psicologia científica, e aos resultados encontrados, como uma provocação para novas pesquisas.

Como discutido, o problema da Psicologia em relação ao tratamento científico da espiritualidade tem uma base histórica, epistemológica e metodológica, que exigirá sempre uma explicitação e uma contextualização mais ampla. Embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) tenha incluído em 1998 a dimensão “espiritual” à noção geral do conceito de saúde, parece-nos que no cenário científico nacional da Psicologia, os estudos psicológicos de bases científicas e de caráter antropológico-filosófico que lidam noções de espírito, espiritual, espiritualidade, de

maneira psicofísica e comportamental, indicando que carecem de mais esclarecimentos sobre seu objeto e sua tarefa.

Devido a esses problemas tão atuais, principalmente para a ciência psicológica e, tendo em vista a Fenomenologia como crítica ao positivismo, ao naturalismo e ao psicologismo, apontamos então, para a necessidade de uma fundamentação para o “conceito de espírito” e suas possíveis implicações para a relação entre Psicologia e Espiritualidade. Assim, a partir de uma crítica fenomenológica, não nos parece possível compreender satisfatoriamente a noção de espiritualidade e seus desdobramentos dados pela ciência psicológica, sem antes compreender de forma profunda e delimitada o próprio sentido de espírito.

Ao termos uma concepção de espírito autêntica e antropológicamente descrita e definida, podemos então pensar em uma “psicologia do espírito”, possuidora de uma noção mais totalizante de se humano, que não só considere os seus aspectos psicofísicos (cognitivos e afetivos), nem tão pouco exclusivamente nos aspectos observáveis do comportamento e das funções bioquímicas. Mas que possa esclarecer e evidenciar aquilo que é propriamente humano. A Fenomenologia, nesse sentido, parece-nos atender não só a um requisito de ciência do fato humano, a partir da compreensão das vivências na sua complexidade fenomênica, mas também nos oferece um método sistemático e rigoroso para um tratamento adequado dos fenômenos da espiritualidade, tanto nos seus aspectos ontológicos, quanto vivenciais e culturais. Somente assim serão esclarecidas, segundo nosso entender, as considerações sobre a dimensão espiritual do ser humano, para uma consequente fundamentação de uma “Psicologia da Espiritualidade”.

Referências

Associação Brasileira de Psiquiatria. (n.d.). *Posicionamento da WPA sobre espiritualidade e religiosidade em psiquiatria*. Recuperado de <http://www.abp.org.br/portal/posicionamento-da-wpa-sobre-espiritualidade-e-religiosidade-em-psiquiatria/>.

Freitas, M. H. de. (2017). *Psicologia Religiosa, Psicologia da Religião / Espiritualidade, Psicologia e Religião / Espiritualidade*. In: *Psicologia da Religião no Brasil*. (Esperandio, M. R. G. & Freitas, M. H. de. Orgs). Curitiba: Juruá.

Gabriel, M. (2018). *Não sou meu cérebro*. filosofia do espírito para o século XXI. Petrópolis: Vozes.

Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. uma introdução a filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1954).

Koller, S. H.; Couto, M. C. P. P.; Hohendorff, J.V. (2014). Orgs. *Métodos de pesquisa*: manual de produção científica. Porto Alegre, RS: Penso.

Lima, T. C. S. & Mioto, R. C. T. (2007). *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico. a pesquisa bibliográfica*. Rev. Katálysis, 10, 37-45.

Scientific Eletronic Library Online. (2007). *Modelo SciELO*. Recuperado de <http://www.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=1>. Recuperado em: 16/05/2018.

Mugnaini, R., & Strehl, L. (2008). Recuperação e impacto da produção científica na era Google: uma análise comparativa entre o Google Acadêmico e a Web of Science. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, (Esp), 92-105.

Paiva, G. J. (1990). Psicologias da religião na Europa. *Arquivos Brasileiros De Psicologia*, 42(3), 88-99. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21772>

Paiva, G. J. (2008). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: *Psicologia e Espiritualidade*. (M. M. AmatuZZi org). São Paulo: Paulus.

Paiva, G. J., Zangari, W., Verdade, M. M., Paula, J. R. M. de, Faria, D. G. R. de, Gomes, D. M., Fontes, F. C. C., Rodrigues, C. C. L., Trovato, M. L., & Gomes, A. M. de A. (2009). Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 441-446. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000300019>.

Paiva, G. J. (2017). Psicologia da Religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. In: *Psicologia da Religião no Brasil*. (Esperandio, M. R. G. & Freitas, M. H. de. Orgs). Curitiba: Juruá.

Stein, E. (2003a). La estructura de la persona humana. In: E. Stein, *Obras Completas: Escritos Antropológicos y Pedagógicos* (J. G. Rojo, E. G. Rojo, J. Sancho, C. Ruiz-Garrido, & J. Urkiza, Trads., Vol. IV, pp. 555-752). Burgos: Editorial Monte Carmelo. (Original publicado em 1933).

Vernant, J. P. (1998). *As origens do pensamento antigo*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.